

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.080

Terça-feira, 30 de Maio de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tahlaba-Lisboa-5339-6
Officinas de impressão — Rua da Atafeta, 114 e 115

As "forças vivas", protestam contra as propostas de finanças, alegando que estas agravam o custo da vida. Entretanto, apesar de as propostas não terem ainda sido aprovadas, os géneros continuam subindo.

COISAS DESTA VIDA... DUPLICIDADE DE CRITÉRIOS

Para os patrões, ampla liberdade;
para os operários, perseguições constantes

Já lá vão mais de dois meses que as classes da indústria mobiliária de Lisboa se declararam em greve para verem satisfeitas as suas reclamações de aumento de salário. As fases porque esta luta tem passado são perfeitamente novas em movimentos desta natureza. Nunca se viu em lutas proletárias em Portugal a feição que a greve dos operários mobiliários tomou, devido à tática empregada pelos industriais, tiranizados e coagidos por meia dúzia de criaturas que pontificam na chamada Confederação Patronal.

Esta entidade, que foi criada exclusivamente para esmagar as mais caras aspirações e conquistas das classes trabalhadoras, numa ansia feroz, procura todos os meios, os mais baixos, os mais ignóbeis, para derrotar os operários mobiliários, mas tem visto cair por terra os seus infernais planos, porque aqueles trabalhadores, numa atitude que os enobrecia, com uma solidariedade digna de ser imitada por outras classes, mantêm-se com um espírito de solidariedade, que bem se assemelha a uma inexpugnável muralha que resiste a todos os assaltos e ataques do inimigo.

A tática dos industriais, portanto, não tem produzido os efeitos que desejavam, apesar mesmo de possuírem de seu lado a força dada pelos governantes, que, neste caso como em outros idênticos, usa duma parcialidade que se poderá cognominar de criminosa, visto a diferença de critérios que adoptam.

Se na rua é encontrada alguma comissão de vigilância dos grevistas, esta é imediatamente detida, como se tem verificado. As assembleias gerais dos operários efectuam-se às claras, permitindo-se que toda a gente a elas assista, tomando assim conhecimento das resoluções que os grevistas entendam como mais justas. Tem-se verificado também nessas mesmas assembleias que os operários não se encontram em greve por coacção, mas sim voluntariamente, porque os anima uma grande vontade de conseguir ver as suas reclamações satisfeitas.

Que se passa, porém, no ou-

tro campo? Precisamente o contrário. A chamada Confederação Patronal efectua reuniões à porta fechada, não consentindo que os representantes da imprensa a elas assistam, uma espécie de conciliábulo secreto, e, o que é pior, os governantes não admitiriam aos trabalhadores — mesmo estes não procederiam duma forma tão baixa, — obrigam, coagem os industriais a não reabrir as suas portas nas condições reclamadas pelos operários, quando a grande maioria daqueles já havia firmado um compromisso nesse sentido com as classes em luta.

E essa coacção vai ao ponto de exigir aos industriais uma caução de milhares de escudos para melhor garantia, ficando assim na dependência de indivíduos que tudo desejariam menos a harmonia social, como tantas vezes nos buzinam aos ouvidos.

Pois sendo isto conhecido, os governantes, as autoridades, sempre prontas a atacar os trabalhadores por casos fúteis, não metem na ordem os *menores* da *patronalia*, — que impedem os industriais de abrir as suas oficinas, como estes o tem manifestado já por várias vezes, — provocando assim há mais de dois meses uma classe que tom sabido afirmar bem alto a sua solidariedade e a sua nobreza moral.

Que fariam as autoridades se entre os operários mobiliários houvesse quem coagisse os seus camaradas a não trabalhar?

Qual seria a atitude dos governantes se os grevistas efectuassem reuniões à porta fechada?

Esta duplicidade de critérios define bem a preocupação dos governantes em fazer a vontade aos *forças vivas*, procurando esmagar os verdadeiros produtores que só recorrem à luta quando se esgotam todos os meios conciliatórios.

O que se vem passando é a provocação a uma classe que sabe o que é a dignidade e mantém uma consciência que os da *patronalia* em si não reconhecem, habituados como estão a tripudiar com tudo que lhes cheira a especular e a vigiarizar o próximo.

A situação política O 19 de Outubro

Uma grande confusão. — O governo recuará? — A atitude dos outubristas

A situação política agravou-se extraordinariamente por causa das prisões efectuadas nos últimos dias. Estão presos dezasseis oficiais como implicados nos morticínios de 19 de Outubro. Todos os oficiais capturados tiveram um papel primordial na revolução de Outubro último, o que dá o maior interesse aos acontecimentos que se estão desenvolvendo, os quais devemos seguir com atenção.

Os oficiais presos são os seguintes: coronel Manuel Maria Coelho, tenente-coronel Marreiros, capitães-tenentes Procópio de Freitas, Serrão Machado, major Cortez dos Santos, capitão Camilo de Oliveira, alferes Lopes Soares, maiores Almeida Azeite e Sousa Guerra, tenente Bento Mergulhão, capitães Loureiro, Sarmiento Rodrigues, Antunes Guerra e Matias dos Santos, tenentes de Administração Militar Rosa Mateus, de engenharia, Manuel Venâncio Deslandes e Malta e tenente-coronel Nobre da Veiga.

Alguns acham-se incurso no artigo 22.º do Código Penal. A doutrina deste artigo, no seu parágrafo 2.º, considera cúmplices os que concorram directamente para facilitar ou preparar a execução nos casos em que, sem esse concurso, pudesse ter sido cometido o crime.

O artigo 349.º do mesmo Código Penal condena em 8 anos de prisão maior celular, seguidos de 12 de degredo, ou, em alternativa, na pena de 25 anos de degredo.

Os oficiais presos que não podem considerar-se incurso nos artigos apontados, estão sob a alçada do art. 363 do Código Penal, segundo o qual o homicídio voluntário, que alguém cometer ou de que for causa por sua imperícia, inconsciência, negligência, falta de destreza, ou falta de observância de algum regulamento, será punido com a prisão de um mês a dois anos e multa correspondente.

Além disso, todos os oficiais presos estão sob a alçada das leis militares, que castigam o crime de coligação, ou o de falta de energia no comando de forças.

As prisões foram ordenadas pelo general sr. Pedroso de Lima, comandante da 1.ª Divisão do Exército, tendo o auto de corpo de delito sido remetido à repartição de Justiça do Quartel General ao respectivo Tribunal Militar Territorial.

Serão internados ao presídio da Trafaria os oficiais que ainda lá se não encontram.

As prisões dos oficiais tornam indecisa a situação do governo, e até de muitas outras autoridades, pois que o descontentamento que elas provocaram pode dar lugar a sérios conflitos.

Os outubristas, numa moção votada ante-ontem, impõem ao governo todas as responsabilidades por todos os acontecimentos que se possam produzir.

Todas as noites, as tropas encontram-se de prevenção, e as comunicações telefónicas são vigiadas e muitas vezes interrompidas.

As estações oficiais estão, realmente, profundamente preocupadas com os acontecimentos, manifestando-se em todas elas uma certa confusão. Já se fala em anistiar os oficiais presos; a dar-se este facto, o governo terá abdicado, terá sofrido uma derrota absoluta, apesar de ter possivelmente evitado um conflito de graves consequências. Qual será então a atitude que o governo assumirá?

Observando os acontecimentos, tal-vez não seja difícil prevê-lo. O certo é que nas secretarias dos ministérios vai um movimento extraordinário.

Na secretaria da Guerra houve ontem uma larga conferência entre o titular da pasta e o presidente do ministério, o ministro da marinha e capitão Rego, chefe da repartição de Justiça do quartel general da 1.ª divisão do Exército.

Notificando-se a prisão de oficiais com responsabilidades nesse movimento, deu-se entre eles o nome do sr. Luís Augusto Nunes. Houve equívoco. O sr. Luís Augusto Nunes é o coronel de infantaria que foi incumbido de acompanhar ao presídio da Trafaria os coroneis sr. Manuel Maria Coelho e Nobre da Veiga, o tenente-coronel sr. Marreiros, capitão-tenente sr. Serrão Machado e capitão sr. Sarmiento Rodrigues.

Então! A confusão governa na política

Professor transferido

O sr. Manuel Bismark Lopes da Silva Barreto, professor da escola de Angeja, concelho de Albergaria-a-Velha, foi transferido, em concurso, para a escola n.º 10 em Leça da Palmeira, Matosinhos.

A situação de A BATALHA

O Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional votou a cota especial

Na sua última assembleia geral, efectuada na passada quarta-feira, o Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, apreciando a circular da C. G. T. acerca da cota de cinco centavos mensais por sindicato de auxílio ao órgão confederal, votou por unanimidade essa resolução do organismo central.

O momento internacional

INGLATERRA
Um significativo discurso de Lloyd George

Na Câmara dos Comuns, por ocasião do debate sobre a conferência de Génova, o sr. Lloyd George, depois de escusar-se, muito habilmente, a apontar os resultados ou os fracassos da conferência, fez notar que, enquanto se concertava em Génova a paz do mundo, os exércitos marchavam para as fronteiras. O ministro inglês observou ainda que a delegação russa, representando um grande soma de miséria, de desolação, de fome e de horrores, pesou mais na conferência que todas as outras delegações, e concluiu por afirmar a necessidade de se reconhecerem os *soviets*, que não podem levantar-se sem o concurso das outras nações. A afirmação mais importante produzida no discurso de Lloyd George é, sem dúvida, esta: «Se nós houvessemos realizado, em 1914, uma conferência como a de Génova, nós teríamos evitado as guerras. O cinismo destes criminosos diplomatas evidencia-se dia a dia; eles fazem estas confissões depois do crime, forçados por esses juizes implacáveis que são os acontecimentos. Durante muito tempo, os caixeiros viajantes dos capitalistas internacionais, fizeram enlevar a Rússia num bloqueio desumano ou numa guerra devastadora, que atrasaram o país e o levaram à fome, e hoje veem tão facilmente confessar o seu crime, alegando ser necessário ajudar a Rússia, como se lhes tocasse o arrendimento. Porém, os crimes sucedem-se, e a atitude da França, em assomos guerreiros, contrasta singularmente o discurso do sr. Lloyd George. A insânia dos capitalistas e as incoerências dos diplomatas provocam esses crimes monstruosos, para os

quais a História não achará condecoração maior que a execução do Futuro.

FRANÇA
Agitação contra a guerra

As ambições do capitalismo francês coloca-nos perante a eventualidade duma próxima guerra. A França capitalista sabe que vai meter-se numa aventura que pode ser-lhe funesta, mesmo que os seus exércitos saiam vitoriosos. Ela vai preparando as suas coisas de modo que imponha à Alemanha a satisfação das suas pretensões. Conhecem geralmente aqueles que seguem, com interesse, os acontecimentos políticos na Europa, qual a atitude das potências capitalistas perante a França; é possível que esta fique isolada na sua aventura. Outro ponto a notar é a relutância do povo francês em participar da guerra. Toda a França popular traja ainda do luto rigoroso por essa mocidade destruída na mais criminosa das hercatombes. Por todo o país começa agitando-se a recusa em se ir à guerra; a mocidade sobreveniente sente um horror profundo em aceitar o sacrifício que vão exigir-lhe os capitalistas ambiciosos. Sucedem-se os comícios contra a guerra nas principais cidades da França e a organização operária mostra tendências para reencetar a campanha anti-militarista, salientando-se nesta acção a juventude sindicalista, mais directamente interessada. Provavelmente, a guerra desencadeia-se, e os filhos do povo, inconscientemente, irão servir de carne de canhão; porém, os resultados desta guerra virão indubitavelmente precipitar na Europa aqueles acontecimentos que ora as potências pretendem evitar, em conferências que fracassem.

No Teatro Gil Vicente

A homenagem ao velho camarada António José de Avila

Realizou-se no domingo, no teatro Gil Vicente, como temos noticiado, a festa de homenagem ao velho camarada António José de Avila. Como era de esperar o festival decorreu no meio do maior entusiasmo, para o qual bastante contribuiu o trabalho insano que a comissão promotora teve na organização do programa e no carinho e cuidado que mostrou para com todos, não esquecendo os mínimos pormenores que deram conforto e criaram um ambiente de intimidade, onde todos se sentiam bem.

Conforme indicava o programa que *A Batalha* publicou, deu começo à festa uma interessante conferência do sr. Carneiro de Moura que desenvolveu uma admirável tese moral. Dividiu a conferência a seu brilhante discurso em duas partes: a vida insustentável que reside em todos e a vida superior, espiritual, que só o homem é capaz de criar com os seus ideais de perfeição. Dessa vida superior admiravelmente analisada, pelo dr. sr. Carneiro de Moura, havia um exemplo belo — o nosso camarada Avila. Vida modesta que não procura na riqueza que esmaga a colectividade, as alegrias que só um ideal de abnegação, de carinho e de bondade para com o seu semelhante pode dar.

A conferência do dr. sr. Carneiro de Moura agradou imenso, tendo sido muito aplaudido ao terminar. A festa decorreu depois, com a maior animação, representando-se um acto da peça *A Manhã* e *O Triunfo de Carrasco Guerra*, que foram muito bem desempenhadas por amadores.

Deu também grande interesse ao espectáculo a canção nacional, tocada e cantada pelos nossos melhores cultivadores.

Como noticiamos, estava reservada uma surpresa para fecho do espectáculo. Essa surpresa excitou grande curiosidade, principalmente nas senhoras. Por fim revelou-se o segredo: Era uma apoteose ao velho Avila, cujo retrato, uma esplêndida ampliação, apareceu, entre as bandeiras de várias associações.

O nosso camarada Avila foi então chamado ao palco, recebendo uma estrondosa ovação.

Uma saudação

PORTO, 29. — T. — O Sindicato Misto do Pessoal dos Fósforos, admitido depois de 1895, na data da comemoração da sua fundação, saúda a Confederação Geral do Trabalho, *A Batalha*, a organização operária em geral e os oprimidos de todo o mundo. — *Saraiva*, secretário geral.

A ORGANIZAÇÃO FERROVIÁRIA

O Congresso e a instrução

O que Mário Castelhamo nos disse acerca da educação dos filhos dos ferroviários e duma tese que ao assunto se refere

Entrámos na sede do Sindicato Ferroviário da C. P. Aquela hora só o camarada Mário Castelhamo, da comissão organizadora do 1.º Congresso Ferroviário Português, estava presente. Os outros membros? Andavam por fora, tratando das variadíssimas questões referentes ao Congresso.

— Vai por cá uma azáfama fatigante — diz-nos Mário Castelhamo. — Temos tido muito trabalho, noites perdidas, cancelas, e muito entusiasmo.

— Muito entusiasmo? Isso é animador.

— Sim, muito entusiasmo — repetiu o nosso amigo. — A vinda dos delegados estrangeiros principalmente tem contribuído imenso para que esse entusiasmo tenda a crescer.

Castelhamo, enquanto falava, ia remendo os papéis que cobriam a larga mesa de trabalho. A um canto da mesa viam-se alguns maços de teses já impressas. Tomámos uma a uma, fomos: *Instrução Pedagógica aos filhos dos ferroviários*. O relator: António José Piloto.

— Aqui está uma tese interessante — disseram.

— Não há dúvida — confirmou Castelhamo. — Essa tese devia ser aprovada por aclamação.

— Teríamos interesse em ouvir o seu relator, o António José Piloto.

Piloto não estava, tinha ido, em serviço da comissão organizadora, não sabemos onde.

Escolas fixas e móveis — Aulas nocturnas para os adultos e cartas especiais para os que as frequentarem

Era para lamentar a ausência do nosso camarada Piloto. Mas Mário Castelhamo não devia estar identificado com o assunto. As suas opiniões postas em letra redonda, na *Batalha*, deviam despertar interesse. Puxámos conversa, como se diz-se.

— Esta tese vem ao encontro duma velha aspiração da classe ferroviária — arriscámos.

— Evidentemente. Os sindicatos têm feito muita propaganda no sentido de se fundarem escolas. Porém, essa propaganda tem sido, a bem dizer, platónica.

— E a tese?

— A tese não é platónica — disse o nosso entrevistado, sorrindo. — Nela estão concretizadas as nossas aspirações. Ela preconiza a constituição de escolas fixas e móveis.

— Escolas móveis?

— Sim, escolas móveis, meu caro. Mais: escolas desmontáveis, de forma que em poucos dias possam ser dadas aulas numa localidade.

— E o transporte de material didáctico, etc.?

— Facilmo. Nós somos ferroviários... Tanto nas escolas móveis como nas fixas haverá aulas nocturnas para adultos. Aos alunos que frequentarem essas aulas serão conferidas umas cartas especiais e esperamos que as administrações dos caminhos de ferro tenham em atenção essas cartas para o efeito de nomeações.

— Quem nos dá ver tudo isso já realizado? — exclamámos.

— E ainda não é tudo — atalhou Mário Castelhamo. — Há mais, há mais.

Bibliotecas, ginásios e museus de instrumentos de trabalho — Cantinas para as crianças

— Teremos bibliotecas.

— Bibliotecas? Nas escolas fixas, não é verdade?

— Nas escolas fixas e nas escolas móveis. Conterão livros de ensino moral, serão também rifados vários objectos ofertados, e variedades de carácter social.

O dr. Carneiro de Moura fará na quinta, 8 do corrente, uma conferência sobre o tema: *A mocidade através os séculos*.

O local da conferência será oportunamente anunciado.

Sexta 9, na Secção Mista da Juventude Sindicalista de Beato e Olivais, em reconstituição, um espectáculo social e no sábado 10 de Junho, no Sindicato da Construção Civil, o professor Ferreira de Macedo realizará uma conferência, cujo tema brevemente anunciaremos.

A comissão espera de todos os jovens a colaboração nos trabalhos de organização da *Semana das Juventudes*.

A entrada nas festas e nas conferências é livre.

NO PORTO

Decorrem com o máximo entusiasmo os trabalhos que a comissão tenta levar à prática notando-se um grande ardor nos jovens para que a *Semana das Juventudes* resulte o mais brilhante possível.

As jovens concorrem com prendas, objectos darte, etc., para as veladas sociais que se realizam, demonstrando assim o seu amor à organização juvenil. Espera também a comissão o concurso de todos os jovens, para que con-

social e profissional. Além das bibliotecas...

— Que temos mais? — interrompemos, curiosos.

— ...ginásios, meu amigo. Estranha? Teremos ginásios e museus de instrumentos de trabalho ferroviário, junto das escolas fixas.

— Mas isso seria uma obra monumental! — fizemos entusiasmos.

— E ainda falta uma coisa que lhes será agradável registar também em *A Batalha* — acrescentou o nosso entrevistado.

— ?

— As cantinas!

— Explêndido!

— Cantinas, junto das escolas fixas, como os ginásios e os museus; cantinas que fornecerão às crianças refeições quentes.

— Mas as cantinas sairiam caras. O comer está pela hora da morte. Lembrem-se da carestia da vida.

O entusiasmo de Mário Castelhamo não esfriou, apesar das nossas palavras pessimistas. Prosseguiu:

— As despesas das cantinas seriam custeadas por uma cota paga pelos pais dos alunos e por uma verba concedida pelas administrações ferroviárias.

Do pouco que depende a realização dum belo sonho — Que dirão as administrações ferroviárias?

— Será admirável se se realizasse tudo isso que a tese preconiza. Será difícil?

Castelhamo conservou-se muito ante a nossa pergunta. Insistimos:

— ? Que é preciso fazer-se para se realizar as aspirações contidas na tese?

— Duas coisas apenas — murmurou por fim o nosso bom amigo.

O nosso olhar interrogou.

— E preciso, primeiro, que o Congresso aprove a tese; segundo, que as administrações, tanto do Estado, como das Companhias se prontifiquem a conceder as verbas necessárias para manutenção do ensino dos filhos dos ferroviários. Os sindicatos darão a sua cota-parte.

— Quanto ao Congresso?

— Espero que aprová-lo.

— E as administrações?

— Veremos.

Retirámos-nos, em seguida, trazendo no coração uma grande esperança de que alguma coisa de belo e de útil se realizará. Aguardemos o Congresso.

Estão muito adiantados os trabalhos de preparação do 1.º Congresso Ferroviário Português, que se realizará, nos dias 2, 3 e 4 do mês próximo, na Sala Algarve da Sociedade de Geografia.

Já estão impressas as seguintes teses: *Instrução Pedagógica aos filhos dos ferroviários*, *Projecto dos Estatutos da Federação e Relatório-Preambulo*, *Orientação ideológica da classe ferroviária e sua posição perante as deliberações dos Congressos Operários Nacionais e Internacionais*, *Salários e condições de trabalho na indústria ferroviária da Portugal e Colónias*, *Habituação, higiene e assistência médica ao pessoal ferroviário*, *Necessidade das relações da Federação Ferroviária com a Federação Rural ou com as Federações doutas indústrias*, *como organização defensiva e útil preparação social e Relações Internacionais*.

Os delegados ferroviários devem estar em Lisboa no dia 1 de Junho, sem falta.

A entrada na Sociedade de Geografia será por meio de cartões, que a comissão organizadora fará distribuir pelos sindicatos.

tribuem com o máximo do seu esforço para esta jornada das juventudes.

Todas as prendas, objectos etc., devem ser enviados à comissão, na sede do Núcleo, R. de Entreparedes, 33, 1.º

De Lisboa ao Rio de Janeiro

Chegou ontem a Cabo Verde o «cruzador Carvalho de Araújo».

No Ministério da Marinha foi ontem recebida, às 5 horas, comunicação do cruzador «Carvalho Araújo», dizendo que seguia bem e que devia chegar a S. Vicente de Cabo Verde pelas 10 horas.

Mais tarde, um cabograma recebido na estação telegráfica central dava a notícia de que entrou no porto de S. Vicente pelas 9 horas estando a meter carvão e tencionando hoje seguir directamente para Fernando Noronha.

Festa da Flor

Ainda não se sabe, ao certo, o rendimento total da festa da flor em Lisboa, devido a ainda se não terem recebido todas as receitas.

Em vários pontos do país continuam em organização festas da flor, em benefício da Cruz Vermelha. No próximo domingo realizam-se em Benavente a Alparça, e em muitas terras efectuam-se há nos dias de Santo António e S. João.

Notas e Comentários

Os Estados bombistas

Na Austria houve uma explosão de dinamite — trezentos feridos e trinta mortos. Há pouco tempo, em Malaga, um incêndio formidável causou inúmeras vítimas; temia-se a cada momento que as labaredas fizessem explodir granadas e outras armas de guerra em depósito nesse edifício. Não há muito tempo, em Lisboa, o fogo fez explodir inúmeras granadas — não houve vítimas por acaso. Em França um grande incêndio está devorando um depósito onde existiam cerca de 500.000 granadas de gases asfixiantes. Estes expalham-se no ar; desconhecem-se por enquanto o número das vítimas. Sabem-se entretanto que algumas vilas próximas tiveram que evacuar, e noutra foram fornecidas máscaras contra gases aos habitantes. Quantas vítimas tem feito os Estados capitalistas, com a sua dinamite e os seus gases asfixiantes? Entretanto, quando uma bomba de cloro estoura numa vila, lançada por algum operário, algum escravo — chamasse-lhe assassino, sanguinário, monstro humano e outros epítetos feios... Como são monstruosamente sanguinários estes Estados abarrotados de dinamite, que andam a pragar a paz pelas conferências!

A significação das palavras

Certos romances de aventuras, extraordinários e muitos filmes rombolescos excitaram de tal maneira os cérebros fracos de indivíduos sem educação moral, que quadrilhas, autênticas quadrilhas de *Mão Negra*, da *Mão Fatal* e de várias mãos de diversas cores, começaram a aparecer — ou melhor — começaram a deixar os seus vestígios em roubos e assassinatos célebres. Assim, as *mãos adultas* ou as *mãos qualquer coisa*, começaram a ser encaradas por toda a gente com justificado terror. Apareceu agora, dizem os telegramas, a *Mão Vermelha* na Alta Silêcia. É, é claro, atribuído-lhe a execução de todos os crimes. Como a palavra *Vermelho* tem uma se-

gunda significação — bolchevista — logo esses crimes passaram inteiros a pesar sobre os ombros de todos os revolucionários. R. e encimemo-nos.

Mais um... Mais um toureiro morto. Agora coube a vez a José Belza, o «Belchita». O cenário devia ter sido o do costume: dia de sol escaldante, muito sol, mulheres bonitas, gritos de entusiasmo, de incitamento. «Belchita» correu para o touro, no intuito feroz e sanguinário de matá-lo, de sacrificá-lo para dar prazer a alguns milhares de corações endurecidos. Ia para matar — e foi morto. ?Que há menos no dizer em abono dum homem que morreu segundos antes de pôr em prática tão mesquinhãs intenções?

Depois do banquete Clemenceau, depois de ter feito a guerra, faz discursos — discursos nos banquetes. E sempre agradável fazer discursos depois do champagne — faz-se muito mais e pensa-se muito menos, dizem-se coisas bonitas, mas falsas. O sr. Clemenceau discursou num banquete e disse: «Não queremos a guerra; queremos a paz». Disse ainda que a França não queria uma paz desonrosa. E como se dissesse: «A França quer a paz armada». Af está, como o champagne, o sr. Clemenceau, o homem da guerra, preconizando a paz continua a fomentar a guerra.

A Senhora da Rocha Houve grande concorência nas festas realizadas no domingo, na Senhora da Rocha. A Senhora da Rocha é um lugar agradável, onde sabe bem merendar, sentado na relva, à beira do Jamor. As festividades religiosas revelaram grande brilho, de que os católicos procuram tirar partido. Afinal, ainda não se averiguou bem se o povo foi à Senhora da Rocha por amor ao sermão — ou para comer peixe frito à sombra das boas e velhas árvores acolhedoras.

AS GREVES

Operários mobiliários

Apesar de já serem contados 69 dias de greve, mantem-se a mesma, demonstrando os operários desta indústria a firmeza dos primeiros dias, porquanto a vitória da greve e por ela lutarão o tempo que for necessário.

Na assembleia ontem realizada foi apreciada uma «d. marcha» efectuada pela comissão de negociações, com alguns industriais e lojistas, ficando a mesma comissão de se avistar hoje novamente com os citados senhores a fim de tomar conhecimentos de algumas deliberações.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Para uma classe que luta, como a nossa, há tantas semanas, não sempre os primeiros dias das semanas que decorrem dos dias de precupação. E, que satisfação não sente uma comissão que tem sobre si a missão árdua de orientar uma luta, ao ver que tem a animação, a dar-lhe força, o espírito de vencer da parte dos operários que representam.

Assim, o dia de ontem, foi para as classes do mobiliário — não obstante entrarmos na 11.ª semana de luta — uma bela afirmação de consciência, uma bela demonstração de espírito de combatividade. E, apesar de algum para desfastio se deu a afirmar que a greve está perdida, que há casas em laboração sem o aumento que reclamamos, nós constatamos o contrário.

Por cada dia que passa, os grevistas reorganizam-se, a acumulação de sacrifícios mais radical em nosso espírito a necessidade de lutarmos até que os nossos patrões se convençam que mal procedem mantendo uma renitência semeadora de revolta e que é de manifesto prejuízo para ambas as partes.

Uma coisa os vai preocupando: é o que possa resultar da nossa vitória.

Descansam os srs. industriais e lojistas, porque não ficaram totalmente vencidos. A nossa pretensão é simplesmente o convencer e não achamo-lhe nós, despois absolutamente de espírito virente, agarre na nossa tabela e veja o quanto de razoável e atendível ela contém. Podem mesmo deixar-se da baleia de vencidos e vencedores, visto que, dentro do estado social presente os patrões, finda esta luta, ficarão ainda sem os patrões e nós os seus assalariados; ficando, é claro, com tanta mais autoridade moral sobre nós, quanto melhor atenderem as nossas únicas exageradas pretensões.

O jógo nefando que tem presidido ao protelamento da solução deste conflito, vai-se enfim descobrindo. Parece que a «venda» que empanava a vista aos industriais se vai desviando um pouco e alguns até já vão vendo claro.

Nós afirmamos que a greve era desajada por algumas criaturas para estranhamento do pequeno industrialismo, e, a comprová-lo, temos hoje a acrescentar, ao que já tínhamos afirmado, que ainda ontem um antigo industrial se deu a afirmar muito claramente que se mister fazer desaparecer algumas pequenas oficinas.

Que tenham os olhos nisto aqueles que, chamando-nos matos, se têm deitado, a armar para o abismo, não pensando sequer que uma reclamação operária auferem sempre vastos lucros, visto que as suas percentagens sobre a mão de obra aumentam.

Também ontem uma ponta do véu que cobre o embrião patronalístico foi levantando, e alguns industriais e lojistas foram já conhecendo por algum insuspeito o destino que esperam as importações que têm desemboasado com o fim de nos vencerem.

E, assim, terão a demonstração de que nós sabemos lutar, sem descer à mentira ou à calúnia.

Dum encontro ontem efectuado entre um grevista e um industrial, resultou uma série de demarques entre uma comissão oficial do Sindicato e alguns lojistas, aguardando este comité o seu resultado, sendo condição essencial para a solução deste conflito a satisfação das nossas primitivas reclamações, sem de qualquer forma nos entendermos com a Confederação patronal ou qualquer entidade sua representativa.

Para tratarmos com os nossos patrões, individualmente ou por via dos organismos a quem de início oficiamos, como sempre, estamos dispostos.

Se o capricho patronal se mantiver, nem por isso fraquejaremos; pois, antes pelo contrário, isso só servirá para desenvolver no espírito dos grevistas, uma maior animosidade contra os causadores de tudo isto.

Hoje, como no primeiro dia, se nos quiserem nas oficinas, atendam-nos; de contrário: Aqui ninguém se rende!

O Comité Central

A assembleia de hoje é às 18 horas, para apreciar a «d. marcha» que a comissão efectuará.

Uma resolução dos empreiteiros estofadores

Procurou-nos ontem uma comissão de empreiteiros estofadores, fornecedores dos estabelecimentos do móveis, para que tornemos público que, tendo reunido, na Cooperativa dos Estofadores para apreciar as imposições da «confederação patronal» aprovaram o seguinte documento:

«Nós abaixo assinados, operários estofadores e decoradores que actualmente nos encontramos na situação de empreiteiros e fornecedores de estofos para diversos lojistas, tomamos entre nós e sob a nossa palavra de honra, o compromisso de não ingressarmos na «confederação patronal» por entendermos que os nossos interesses não estão em harmonia com os interesses de tal instituição.

Lisboa, 29 de Maio de 1922.
Augusto Alves, João Rocha, António Silva, Manuel Francisco Gomes, Frederico Ferreira, Luís Rodrigues, Faustino Carlos da Costa, Angel Domingues, Alfredo dos Santos, Sérgio Almeida, Ernesto de Sousa, Anastácio Camp, Eduardo dos Santos, Eduardo Mourão, Augusto Gomes, Lopes Falcão, João Lourenço e Hugo Afonso.

Mecânicos em madeira

Reuniu na sexta-feira a classe dos mecânicos em madeira, sendo apreciada a marcha da greve na casa Silveira & C., a qual continua no mesmo pé de irreducibilidade, não devendo, portanto, nenhum operário daquela especialidade ir trabalhar para a referida casa, pois de contrário prejudicará a sua própria causa.

Hoje efectua-se nova reunião, pelas 20 horas.

TEATRO DE S. LUIS

HOJE — Festa Artística e Despedida do actor Correia e Último Espectáculo da COMPANHIA
1.º e 3.º actos da lindíssima peça
A Leitura do Livro «Prologos»
SERÃO DE A. E.
e Homenagem ao festejado

Classes que reclamam

Operários Alfaiates

Com grande concorrência, reuniu ontem esta classe, em assembleia magna, para apreciar as percentagens de 20 e 30 % que os industriais, por intermédio da sua secção, ofereceram respectivamente, ao pessoal interno e externo.

Estas percentagens foram largamente ridicularizadas, porque, além de serem diminutas, são ainda sobre os preços que vigoravam em 1.º de abril p. p., tendo como consequência que aqueles que actualmente já pagavam melhor, agora pouco mais dão, não obstante industriais haver que deram até muito mais dos 20 e 30 %, tendo relegado as resoluções da secção dos industriais de alfaiataria.

A assembleia terminou pela aprovação dum parecer, em que se repudia as percentagens oferecidas, mantendo-se assim as resoluções da última assembleia geral, tendo falado depois vários camaradas que produziram bella propaganda associativa.

A sessão encerrou-se no meio de grande entusiasmo, tendo-se proposto muitos socios.

NOTA DA COMISSÃO PRÓ-AUMENTO DE SALÁRIO

Camaradas! Em harmonia com as resoluções da última assembleia, está por agora terminado — senão com grande êxito, pelo menos com vitória moral — o movimento de reclamações de aumento de salário e de mão de obra.

Olerceram os industriais as irrisórias percentagens de 20 e 30 %, mas o sindicalismo repeliu-as, porque, como os industriais que particularmente dão mais e querem manter a honra do convento, — que é a sua secção associativa, — também nós temos o dever de defender a moralidade do nosso sindicato. E assim o compreendeu a grande maioria que soube ressaltá-la!

A resposta que a secção dos industriais requeria, era muito outra, que não esta, mas também as nossas reclamações, pela sua insignificância, não mereciam o sacrifício a uma greve.

Para se ir a este extremo necessário se tornava elaborar outras reclamações que recompensassem d'algum modo esse sacrifício; e isso demandaria tempo em preparação, propaganda, etc., e certamente que essa demora conviria aos industriais da secção; assim a resolução das duas últimas assembleias foi ótima, restando agora que todos façam por conseguir a completa satisfação do reclamado, visto que alguns industriais — e não poucos — quasi o atingem por diferenças que não chegam a um escudo.

É óbvio que havendo industriais que paguem quasi o reclamado, os outros por via de regra, ou terão mau trabalho ou terão muito em breve de se chegar...

Camaradas! Lembrai-vos sempre do sindicato e da-lhe força porque é dele ainda que se alcançaram estes pequenos aumentos e ainda não houve vez alguma que o sindicato reclamasse e não fosse atendido, pelo menos em parte, considerando-o hoje que enquanto os industriais, por intermédio da sua secção, ofereceram 20 e 30 % eles particularmente deram mais!

As notícias referentes a este assunto, inseridas no *Diário de Notícias* e *Século* da noite de ontem, primam por faltarem à verdade.

A Comissão pró-aumento de salário

Manipuladores de pão

Reuniu no domingo esta classe, deliberando continuar nas suas demarques junto dos industriais para a completa satisfação do aumento de salário reclamado.

Operários manipuladores de pão do Porto

PORTO, 27. — Os operários manipuladores de pão reuniram em assembleia geral para se occuparem da reclamação de aumento de salário, formulada aos industriais. Um membro da comissão pró-aumento de ordenado expôs claramente as demarques efectuadas junto dos patrões. Apesar da comissão administrativa da associação já ter oficiado duas vezes aos industriais, estes, sistematicamente, tem-se mantido silenciosos, indelicadamente não dando uma resposta, negativa que ella fosse. Domingos Pinto, entre outras considerações, censurou os manipuladores de pão por não estarem devidamente representados, ironicamente afirmando que eles não precisam de melhoria de situação económica, senão não davam, como deram, um dia de salário para a compra de um hidro-avião, principalmente os empregados da Companhia Portugal e Colónias. Sendo assim, não está disposto a dar um passo a favor dum classe que tem mal compreende os seus deveres. Terminou, no entanto, por apresentar a seguinte proposta:

«Em vista dos srs. industriais não terem respondido ao officio enviado por esta classe no dia 11 do corrente, propomos: 1.º que todos os operários manipuladores de pão se preparem moral e materialmente para a luta, cotizando com um dia de salário; 2.º que quando toda a classe houver concorrido com o dia de salário, então se inicie o movimento reivindicador das regalias económicas.»

A proposta foi aprovada por unanimidade, concorrendo logo, na reunião, muitos operários com a referida quantia equivalente ao dia de vencimento.

Corticeiros de Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 29. — Com grande concorrência, reuniram os operários corticeiros desta localidade, para apreciar a circular ultimamente enviada aos industriais corticeiros.

Falaram os delegados da F. C. N.,

NACIONAL

HOJE: Completo triunfo
Espectáculo verdadeiramente artístico
Original de D. Branca de Goulart Colação

O auto dos fareiros

apresentado com o maior brilhantismo e aparato
Alegorias históricas. — Bailados. — Maravilhosos efeitos de luz e deslumbrante montagem. — O original de Carlos Selvagem

Cavalgada nas nuvens

Camarotes de 1.º ordem e 1.º e 2.º, camarotes de 2.º ordem, 2.º e 3.º, 5.00.

camaradas Silverio dos Santos e Heitor Ferreira, que largamente expuseram a assembleia os fins da reunião, iniciando os operários corticeiros a manterem-se firmes e unidos para a conquista das suas regalias.

Notou-se grande entusiasmo e animação na assembleia, estando os operários corticeiros dispostos a todos os sacrifícios para a conquista de mais um pouco de pão, dando todo o seu apoio à Federação. Como coordenadora de toda a acção moral e económica operária corticeira.

No final da reunião foi aprovada uma moção cujas conclusões são as seguintes:

1.º — Ratificar a deliberação já tomada, respeitante à reclamação entregue aos industriais desta localidade;

2.º — Conservar-se unida e firme para resistir contra uma provável resistência da parte dos industriais possa surgir contra o que se reclama, indo até ao sacrifício máximo, se as circunstâncias a tal obrigarem;

3.º — Manter-se em comunicação permanente, indirecta ou directamente, com a Federação, acatando e cumprindo todas as suas indicações e deliberações até à conclusão final do que a classe neste momento está empenhada.

Foi também aprovado um voto de solidariedade aos camaradas mobiliários e um protesto contra o governo pela forma como tem sido sustados os telegramas de declaração de greve.

A reunião terminou no meio do maior entusiasmo. — C.

Por causa duma notícia

Um chefe de policia alveja a tiro o editor dum jornal

A Batalha por diferentes vezes se tem referido à forma como procedem autoridades que, julgando-se em terreno conquistado, praticam toda a casta de infâmias, senhores como se julgam da sua impunidade.

Todas feitas do mesmo barro, apparecem-nos do norte ao sul do país com igual vontade de mostrar o cinismo de que são constituídos, para dar a nota do seu temperamento feroz e sanguinário.

Há dias o *Correio do Minho*, jornal que se publica em Viana-do-Castelo, inseria uma noticia referente à nomeação dum monárquico para chefe de policia daquela cidade, acompanhando-a dum leve comentário.

Pois o sr. Leandro Trindade — assim se chama a nova autoridade local, que também é 2.º sargento de infantaria — julgando-se ofendido na sua dignidade de politico ou de autoridade, foi à redacção do referido jornal, na passada sexta-feira, pelas 20 horas, e, de certo, com aquela elevação que a farda que ora envergava lhe dá, exigiu do sr. Sebastião de Freitas, editor da mesma gazeta, que ali se encontrava, a responsabilidade da noticia.

Este senhor, na sua qualidade de editor do jornal, respondeu que a sua attenção e responsabilidade lhe pertenciam, acrescentando que se o sr. Trindade, julgava melindrado ou caluniado, levasse o caso para o tribunal, como a lei determina nestes casos.

Pois o novel e auspicioso chefe de policia, para demonstrar a sua lesura, tirou duma pistola e disparou vários tiros na direcção da cabeça do sr. Sebastião de Freitas, não chegando a atingi-lo, cravando-se os projecteis nas paredes. Depois da proeza, foi recuando, sempre de pistola apontada, até que saiu da redacção sem que alguém o prendesse.

Como a liberdade e a vida de cada um estão na dependência de qualquer insignificante arvorado em autoridade, não apontamos o facto a quem de direito. Simplesmente o registamos, tanto mais que neste caso é a liberdade de imprensa e de opinião que se encontram à mercê dum chefe de policia que se julga no direito de discutir uma noticia, despejando a pistola que usa — para manter a ordem publica. —

Vida politica

Grupo Solidariedade Comunista. — Este grupo reuniu em assembleia geral tendo apreciado e congratulando-se pelos felizes resultados obtidos durante as ultimas prisões de S. Julião da Barra e Sacavém, apesar da sua curta existência. Resolven este organismo constituir um grupo militante e dramático com o duplo fim de angariar receita para o alargamento das suas benéficas actividades e espalhar por meio do teatro e da musica os ideais que se propõe defender. Neste sentido, ficou a sua comissão administrativa de elaborar um regulamento e de convidar os elementos necessários para a sua constituição. A pedido de um grupo de socios reúne este organismo em assembleia geral no proximo dia 2 de Junho.

Centro Escolar Socialista de Alcântara. — Realizou-se o aniversário tendo havido todo de alvorada às 8 horas e às 15 examé as crianças pelos professores Henrique de Carvalho e D. Maria Brilha. A's 17, houve sessão solene presidida por D. Ana Braga. Depois foi fornecido um lunch aos alunos do Centro. A's 20 horas teve lugar a sessão comemorativa do aniversário do Centro tendo feito uso da palavra vários elementos do partido socialista.

LEDE

A Novela Vermelha

COLISEU DOS RECREIOS

Hoje — TERÇA-FEIRA — Hoje
A's 20.30 (8.30)
Grandioso programa
animatográfico
(10 horas — 6 emocionante
— 1 film)

ATLANTIDA

Amanhã — ESTREIA de 1.ª e última jornada da grande película
O ROMANCE DE UMA ORFÃ
ESTREIA de uma fitt comica de grande successo

Brevemente — ESTREIA do extraordinário film documental, em 2 partes, da Rússia bolchevista

RUSSIA VERMELHA

ALDEGALEGA, 27. — Com o fim de comemorar a data da reorganização da Associação dos Rurais, promoveu este organismo uma sessão de propaganda sindical, que foi muito concorrida por rurais e corticeiros, que por completo enchiam a vasta sala das sessões.

Presidiu Francisco Pedro Marques, secretariado por Celestino Henrique Parrantónio, delegado dos rurais de Palmela, e António de Oliveira. O camarada presidente, historia largamente a marcha da organização rural da localidade, que em 1911 e 1912, também se soube impôr pela conquista das suas regalias.

São os homens que tem que transformar a sociedade, exclama, e não a sociedade que tem que transformar os homens.

Termina apelando para que todos os camaradas tragam as suas companheiras a estas sessões, pois que a mulher tem um importante papel a desempenhar na sociedade futura.

Em seguida faz uso da palavra Adriano Sobral, delegado do Sindicato Corticeiro da localidade, que principia por saudar os rurais em nome do organismo que representa, fazendo votos pela união de toda a familia proletária.

Celestino Parrantónio, em nome dos rurais de Palmela, saudou os seus colegas de Aldegalega, dizendo que a unificação dos rurais, quer nacional quer internacional, quando bem organizada, será o factor mais importante para a queda da sociedade burguesa. Nota-se a falta de propaganda entre os rurais, mas temos que meter ombros a essa empresa até completa transformação da sociedade.

Em seguida expõe a sua opinião sobre a maneira como deverá ser feita a revolução, que não deverá ser feita pela organização, mas sim pela marcha dos acontecimentos. A revolução já está na rua.

Evolução é a revolução cadenciada. Revolução é a explosão e o objectivo que todos devemos almejar.

Armando Martins, como delegado da C. G. T., inicia as suas considerações, saudando os rurais pelo 10.º aniversário da sua reorganização, historiando largamente a esfera de acção da organização sindical. A C. G. T., organismo retintamente operário e só de operários composto, não reconhece quaisquer preconceitos politicos ou religiosos.

Analisa em seguida as condições em que se encontra a classe rural em face de uma transformação social, salientando o importante papel que estes tem a desempenhar na sociedade futura. Aprecia o gesto dos rurais na Rússia, que devido ao seu egoismo e falta de organização, negando-se a trabalhar para a colectividade, em muito tem prejudicado a marcha da revolução, que embora não seja o que aspiramos, alguma coisa de belo em si encerra.

Salienta a necessidade da classe operária desenvolver o seu intelecto, com o fim de se habilitar a tomar conta da produção e consumo. Combate os preconceitos existentes, lamentando ser necessário lançar foguetes para chamar os operários ao sindicato, pois o dinheiro que com isso se gasta podia ser aproveitado mais utilmente.

Antes de terminar as suas considerações aconselha os presentes a acatarse com o rotulo dos politicos, afirmando que os politicos são todos os mesmos, e portanto em tais não devemos confiar. Afirma tambem que só o operariado dentro dos seus organismos de resistência — os sindicatos —, estes por sua vez nas Federações de Indústria e estas na C. G. T., depois de assim se conjugar esforços, com uma unidade de vistas, pode fazer a transformação desta sociedade madrastra.

Volta a falar o camarada presidente que faz várias considerações de ordem económica e social e entre estas a necessidade de confederar a classe rural de Aldegalega, referindo-se tambem aos presos sociais.

Armando Martins volta a falar, expondo a situação precária em que se encontra o jornal *A Batalha*, lendo a circular que a C. G. T. resolveu enviar a todos os sindicatos. Descreve a situação dos presos sociais, expondo o motivo da prisão do camarada Manuel Ramos, bárbaramente condenado a 25 annos.

— Estão presos por nossa causa, somos quem temos que os pôr em liberdade, exclama. Analisa ainda a acção da movimento revolucionária, que com a F. J. S. a frente muito pode contribuir para a transformação social.

Depois de se ter resolvido constituir uma comissão, composta de camaradas de todos os organismos operários da localidade para auxilio aos famintos rurais e caboverdeanos, foi tirada uma quebra para auxilio de *A Batalha* e presos sociais, que rendeu 23850.

A sessão foi encerrada, no meio do maior entusiasmo, aos vivas à C. G. T., *A Batalha*, etc., e a 1,30.

COLUNA ESPERANTISTA

Lisbona Verda Stelo — Sociedade Esperantista Operária. — E' amanhã que se effectua o 1.º serao esperantista, cujo fim é atingir o maior grau de perfectibilidade linguística entre os socios.

Continua aberta a inscrição de alunos para o novo curso elemental, na sede da Sociedade, rua António Maria Cardoso, 20

Teatro Chiado Terrasse

Empresa A INTERNACIONAL
Gerente: A. Emauz
HOJE — A's 8 1/2 e 10 1/2 — HOJE
A revista em 2 actos e 9 quadros

TIRO AO ALVOI

Nova Companhia de Revistas de que faz parte o actor Silvestre Alegre. Encenação de Ross-Matias

2-Grandiosas apoteoses-2

Scenários surpreendentes—Primeiro guarda-roupa—Deslumbrantes efeitos de luz

ALCOCHETE, 26. — Em virtude dos exigios salariaes que auferiam em 1921, que eram de 3900, em relação à carestia da vida, resolveram os trabalhadores das marinhas de sal, há já seguramente 15 dias, avistar-se com os proprietários e fazer-lhes sentir a sua difícil e angustiosa situação. Como por alguns fossem mal recebidos e a maioria dos ludibriasse com promessas vãs, ganhando tempo até que se completassem os carregamentos dos barcos que se encontram no Tejo prestes a seguir para a pesca do bacalhau, depois de muito tempo perdido em demarques que resultaram infructíferas, deliberaram os operários paralisar o trabalho e não consentir que camaradas seus carregassem mais uma pedra de sal para quem quer que fosse.

Três escudos é quanto reclamam aqueles trabalhadores, o bastante para morrem de fome.

Os proprietários alegam que o artigo é muito pobre e que só no tempo da guerra renderam dinheiro de vulto, pois obtinham quanto queriam. Ora nesse tempo ganhavam os lumbitos 2450 e por mais súplicas que fizesses aos donos do dinheiro foi tudo debalde.

O pior do caso é que nestes últimos dias tem aludido aqui muitos varinos, em fragatas e lanchões, acompanhados de guarda republicana, e enquanto os proprietários deitam foguetes, impando e flagelante, a fome alastra aterrorada e flagrada, não sabendo nós a que tragédia será arrastada esta população, sempre ordeira e submissa.

A fome é má conselheira e ela já vem de entrar nos desgraçados lares de centenas de trabalhadores, sendo as crianças que mais sentem os seus horrores. E' ao que leva o egoismo dos proprietários das marinhas, que só querem enriquecer à custa do suor alheio.

Que rápidas providências sejam dadas para evitar que tal estado de coisas traga funestas consequências.

Não é humano o procedimento destes novos ricos, que nada se incomodam com a situação miseravel dos produtores da sua riqueza.

Para os corpos gerentes foram nomeados Direcção — Presidente, Artur Francisco da Mota; Secretário, José Pais; Tesoureiro, Domingos da Costa; Vogais, Adelino Pinto de Sousa e Eduardo Nunes da Silva. Comissão revisora de contas — José Esteves Abrantes, Domingos Vasques e Abel da Silva Melo. Assembleia geral — Secretário, Manuel José Gomes.

Deliberação: convocar nova assembleia para segunda-feira, 5 de junho, pelas 10 horas, para apresentação de contas.

Para os corpos gerentes foram nomeados Direcção — Presidente, Artur Francisco da Mota; Secretário, José Pais; Tesoureiro, Domingos da Costa; Vogais, Adelino Pinto de Sousa e Eduardo Nunes da Silva. Comissão revisora de contas — José Esteves Abrantes, Domingos Vasques e Abel da Silva Melo. Assembleia geral — Secretário, Manuel José Gomes.

Deliberação: convocar nova assembleia para segunda-feira, 5 de junho, pelas 10 horas, para apresentação de contas.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa — Sede Central. — Reunem hoje, pelas 20 horas, todos os filiados que exersem qualquer actividade na organização sindical. A todos caberão as responsabilidades das resoluções que serão adoptadas, conforme se fez já sentir.

Secção da Construção Civil. — Reúne hoje a comissão executiva, às 21 horas.

Núcleo do Porto. — São convidados os militantes das Juventudes do Porto, em especial os que occupam cargos na organização operária, a reunirem-se, terça-feira, 30, pelas 20 horas, na sede do núcleo.

Espera-se que estejam todos à hora marcada; não são admitidas faltas.

Secção Mobilidária. — São convidados todos os jovens sindicalistas desta industria a reunirem-se quarta-feira, 31 do corrente, pelas 20 horas, na sede desta secção, à R. da Boavista, 327, 2.º, para tratarem de assuntos de inadivél resolução.

Comissão Administrativa. — Reúne hoje, pelas 20 horas, para resolver sobre assuntos a apresentar ao Conselho de Delegados.

Fragateiros. — Rúnem hoje, pelas 9 horas da manhã, a assembleia geral, para tratar de um assunto de grande importância para a classe.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa. — Reúne amanhã a assembleia geral, para a respectiva comissão dar conta de alguns trabalhos.

Operários do Município. — Reúne hoje, às 21 horas, a direcção para tratar de vários assuntos. Tambem devem comparecer as direcções dos jardineiros, construtores de mac-dam, calçeteiros e um delegado por obra e officina.

Operários Alfaiates. — Afim de apreciar duas circulares dimanadas da C. G. T. e da U. S. O. local e um assunto que se prende com a Caixa de Solidariedade, reúnem hoje, em assembleia geral, os componentes deste sindicato, às 21 horas.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Secção Profissional dos estofadores. — Reúne hoje, pelas 20 horas, para tratar de assuntos urgentes, devendo comparecer os operários inscritos para os trabalhos na Exposição do Rio de Janeiro.

Secção Profissional dos Serventes. — Reúne amanhã, às 21 horas, em assembleia geral, para tratar de vários assuntos de interesse.

Carruageiros. — Reúne hoje, às 20 horas, a Comissão Administrativa.

Na proxima segunda feira reúne a assembleia geral.

SINDICATOS

DA PROVINCIA

Sindicato da Construção Civil de Alameda. — São convidados os componentes deste sindicato a reunir hoje em assembleia geral, pelas 19 horas.

A BATALHA em PARIS

Vende-se na Maison de la Presse Portugaise — Rue Blanche, 49.

Eden-Teatro

Comp. Espanhola Barreto Ballester
HOJE — A's 21 horas (9 da noite), préfixas
8.ª RECITA DE ASSINATURA
3 graciosissimas zarzuelas
do «GENERO CHICO»
Que serão representadas pela ordem em q. v. são mencionadas:

EL DUO DE LA AFRICANA

EL POBRE VALBUENA

E LA REVOLTOSA

Os melhores exitos dos teatros de Espanha

Os espectáculos da Companhia Espanhola começam, rigorosamente, a noite marcada: 8.ª noite — «GENERO CHICO»
Marcha de Gaudí, Revuelta e Alegria de la Huerta

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

A cidade invicta está a saque e os saqueadores são de diferentes quilates e feitios...

Em todos os espíritos, perpassa um tremido de espanto e, simultaneamente, de terror. A cidade está sendo violada pelo mais tenebroso saque. As crónicas dos jornais veem pejudicadas, bem sortidas, dos mais variados relatos acerca dos atentados contra a propriedade alheia. Não há nada que lhe resista. A sua progressão vai na ordem directa do desenvolvimento do corpo policial. Roubas-se nos eléctricos, rouba-se nas repartições, rouba-se na Alfândega, rouba-se nos caminhos de ferro, numa palavra: rouba-se em toda a parte, oficial ou particular, onde há o vigilante olho da ordem, e onde o policiamento brilha pela sua ausência. As queixas são as montanhas, mas a maior parte delas são lançadas ao cesto dos papeis, atendendo à impossibilidade de se poder descobrir, na totalidade, todo o exército de ratoneiros que infesta, que tomam a sua conta, esta gloriosa terra das tripas. A actividade de rapinagem é de tal ordem, que dir-se há que a cidade se convulsionou, por completo, na mais cruenta luta de recíproca escamoteação. O mercador enganou o freguês, o negociante de modas burla o cliente, o padreiro diminui e rouba o peso do pão, as leiterias urinam no leite, mesmo dentro da Assistência dos Tuberculosos; o tasqueiro faz vinho de anilhas, para quem os delegados de saúde são complacentes; as lavadeiras furtam-nos em todos os negócios da hortaliça; em das investigações, judiciárias, ou quer que é, escorçam-se pela conquista do dinheiro proveniente dos termos, seja justo ou injusto; a polícia sanitária ou administrativa assedia as desgraçadas meretrizes, pescando-lhes, implacavelmente, muitas sucessivas; e uma outra espécie de polícia cívica, fardada e armada, exclusivamente se entrega ao pilhanço das autoações, perseguindo, solitariamente, toda a vendicteja ambulante.

É capaz de andar um dia inteiro na cola dum sardinhão de espírito dum delinquência. É para delinquir basta só: pôr a canasta no chão e vender-me uma dúzia de clipeos peixe. Todavia, permite-se a verdadeira falperra acampar nos mercados do Boialho e Anjo, que uma criatura é forçada a deixar esvair as algebras sem um sequer quexume sequer.

Um charivari desustos: D. Cartouche, rico e legal, de braço dado com D. Cartouche pobre e ilegal, entra em todos os sítios particulares e oficiais, incluindo na polícia, para extrair processos, incluindo nos caminhos de ferro, para fazer desaparecer mercadorias, incluindo na Alfândega, para surripiar, desde há 4 anos, e só a uma firma, produtos no valor de 200 contos!

Com sentinelas à vista... Isto para pouparmos as referências às exações fiscais por parte do governo, câmaras, etc.

É um núnca acabar: é a miséria, é a dissolução, é a derrocada, é o contágio dos exemplos de cima que se reflectem em baixo... Como na antiga Roma, como na antiga Grécia.

Um protesto da U. S. O. apreciado pela Comissão patriótica do hidro-avião

Como tinha sido resolvido no seu último conselho federal, a U. S. O. publicou na imprensa uma nota oficial, pela qual lavrava o seu mais veemente protesto contra o facto de terem sido despedidos operários por eles se recusarem, em obediência aos seus princípios, a contribuir para a subsistência do hidro-avião destinado a Olego Coutinho e Sacadura Cabral.

Este justo protesto conseguiu transportar os ombros do Centro Comercial, de modo que a Comissão patriótica angariadora de donativos para a compra do aparelho aéreo apreciou o clamor indignado da U. S. O. Em nota oficial, a mesma comissão declarou não ter conhecimento de tais factos, manifestando que foi sempre seu empenho dar todo o carácter de espontaneidade a esse acto de subscrição, e a fim de que tenha o significado moral que lhe é indispensável.

Porém, houve coacção, houve despedidos, houve vítimas, acontecimentos a que a Batalha já se referiu claramente, não se sabendo se a comissão aludida tomou conhecimento do que a Batalha disse. Sendo assim, *ipso facto*, o significado moral, quanto ao concurso subscricional do operariado, desapareceu... por falta de espontaneidade, mas sim abundância de violência.

Por exemplo: o pessoal de carregadores e de mais movimento do M. e D. foi, por assim dizer, intimado a contribuir para o hidro-avião. Por esta forma: no sábado transacto à tarde, foi comunicado que iria ser despedido um dia de vencimento para a subscrição; quem não concordasse devia reclamar até segunda-feira, a uma determinada hora. Com a mudança de turnos e a escassez do prazo, não houve o tempo necessário para a reclamação. Foi, pois, uma coisa de afogadilho. Porque não procederam para com o pessoal do movimento, como para com o pessoal das oficinas, a quem lhe dão o direito de reclamar, de apresentar a sua discordância, até ao dia 12 do mês próximo? Logo, vê-se que foi uma espécie de imposição; logo, adeus carácter de espontaneidade e de significado moral. E' tudo assim...

Um grito de revolta sóto por um oficial do exército - Sem querer, dá razão ao operariado

A questão de aumento de soldo aos oficiais do exército interessou, como é de fácil depreender, também os graduados da tropa da nossa guarnição. Todo o mundo que não é rico deseja uma melhoria de situação económica para poder fazer face ao constante

Teatros

TEATRO NACIONAL - Cavalegada nas nuvens e Auto dos faroleiros.

Os episódios de mais vulto da história portuguesa, tem sido explorados copiosamente por dramaturgos e romancistas; uns com mais verdade e outros, com menos, poucos com critério imparcial e todos someti com o fim de ferir a testa do patriotismo de momento a momento a agarrar-se na alma dos lusitanos. Não me refiro é claro ao patriotismo que vai buscar as suas raízes ao carácter étnico dum povo, cujo sentido é a resultante fatal da influência de certos factores, como o clima, a acção do terreno e outras circunstâncias a que ninguém pode extinguir-se porque exercem nos temperamentos a sua acção for do dogmatismo falso do Estado que antepõe a sua razão ao que as leis da natureza estabelecem. O patriotismo que se preza é o respeito puro e simples à função do Estado e que não é o mesmo, quando monárquicos se opõem a repúblicas ou inversamente. Para a monarquia a expressão «pátria» só se compreende quando ligada à ideia política que essa forma de governo incarna, o que se dá precisamente quando os repúblicas a defendem no seu campo oposto em ideologia.

Não admira pois que as peças históricas, por muito imparcial que queira ser o autor, traduzam sempre o sentir de quem as escreve, sem o esquecimento de condenar o que este fora do seu pensar partidário. A raça dela de ser a mesma, quando os actos que dela geram não provêm dos indivíduos que formam dentro das convicções que este ou aquele dia possuir. O escritor dramático histórico, por isso, raríssimas vezes, faz obra de crítica, limitando-se a contar factos desastrosamente, ou a servir-se deles para colocar bem a sua ideia dentro da instituição política a que cantos cânticos. Para ele a evolução só existe quando se dêem quebra do veio tradicionalista e no seu teatro a censura só conhece o que tem lugar fora do que o seu espírito sectarista concebe.

Estas considerações são-nos sugeridas pelo espectáculo que no Teatro Nacional constou da representação de *A cavalegada nas nuvens* e *Auto dos faroleiros*.

Na primeira o sr. Carlos Afonso dos Santos (Carlos Selvagem) aproveitou o insucesso desastroso de Alcaide-Kibir para fazer um acto patriótico em que se pôe à prova a tempera dum velho cavaleiro que morre convencido de que a batalha em que D. Sebastião perdeu a vida e a coroa, teria redundado em mais um glorioso acrescentamento territorial do seu reino. O velho «Doncelo Vaz» fica afinal ignorando que as hostes cruzadas pela melhor nobreza do tempo, haviam sido rechaçadas pela montanha infiel, cujo sangue veio a entrar mais tarde, na heráldica de tanta família solarreal.

Carlos Selvagem, cujos méritos de escritor todos reconhecem, deve manter-se no teatro regionalista com que encetou tam esperançosamente a sua carreira.

Na segunda peça da noite *Auto dos faroleiros*, da poetisa D. Branca da Gonta Colago, há menos acção dramática. O que porém dá a transparência e a verdade é a obstinação de fazer desaparecer da nossa terra a palavra «presente» de quem se conhece a ascendência respeitável simbolizada no «Velho faroleiro» (o passado), e a descendência no «Neto do faroleiro» (o futuro).

Essa visão do tempo desorienta-nos sobre a época em que o auto se passa; por isso que não se tendo até agora descoberto na cronologia mais que três pontos, passado, presente e futuro, teremos por conclusão de a tães de admitir que o presente é simplesmente a ocasião em que a distinta poetisa faz mover as suas personagens o que o mesmo é que dar-lhe foros de existência real.

O *Auto dos faroleiros* é incontestavelmente um formoso hino literário que D. Branca de Gonta Colago enlaça à tradição, à parte as incorrecções que a sua idolatria pelo passado engendra com a sua devoção que vai até ao fetichismo, e que por isso mesmo se passam em claro. O anátema que os seus versos lançam ao presente, completa essa idolatria ao ponto de concluirmos que a ilustrada dama só admite um futuro que mais não seja do que a continuidade do passado. A sr. D. Branca de Gonta conhece bem a história portuguesa, e exactamente por isso vê-se que em sérias dificuldades, por eleger a época a que remontaria para dar maior bem estar aos portugueses.

Pelo menos de D. João III para cá, o descalabro tem-se acentuado a olhos vistos. A inquisição asfixiou-nos com a sua intolerância e a ambição dos que governavam atirou-nos para o suicídio de Alcaide Kibir que trouxe o domínio espanhol em que a nobreza descendente da «Ala dos Namorados» e dos «Doze de Inglaterra» se bandeou com o invasor ocupando os melhores cargos. Fidalgos houve que receberam os «Filipes» com contumélia que lhes assegurasse a conservação de benéficas e que a restauração deixasse as condições massacrando O que foi a desgraça brigantina sabem os que têm os velhos documentos. D. João IV caracterisa-se pela sua pusillanímia, que em seu filho Afonso VI tem o fatal epilogo de que o palácio de Sintra guarda o último capítulo. D. João V não hesitou em levar a sua prodigalidade ao extremo de exaurir o tesouro público com as aventuras raiantes de que Madre Paula é apenas um reflexo. Já nessa época, sabe-se bem D. Branca de Gonta, muitos dos objectos que o seu Auto faz viver andavam fora das casas onde o *espírito da raça* pairava. Os «camaleões», as «filéas de brilhantes», as «emilnaturas», as «comodas de boa madeira de fora», recordações dum passado de opulência entraram às escancaras, na casa de muitos cristãos novos, com uma habilitação para famílias do Santo Ofício.

Os salúdaes já não tangiam pelos feitos de Mem Rodrigues de Vasconcelos; guardavam-se quando muito, nas casas dos desembargadores formados principalmente em *calinologia*.

A divergência dilatóu-se demais, mas não nos arrependemos porque a inteligência de D. Branca de Gonta não achou estranhos áncora comentários, e

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Coimbra

Visita de arte

As musas Machado de Castro, na sala *Românica*, efectuaram no último domingo uma visita de estudo os sócios da «Escola Livre das Artes de Desenho», onde o dr. sr. João Couto, demonstrou o grande valor artístico da arte românica, sendo interessantes as suas explicações ouvidas por grande número de visitantes, terminando por apelar para que sejam conjugados esforços para a continuação das escavações em Condeixa a Velha, onde se espera encontrar verdadeiras maravilhas românicas.

Bem haja a Escola Livre ter tam brilhantes iniciativas e fazemos votos pela continuação do desenvolvimento pelo amor da Arte e do Belo.

Brevemente deve efectuar-se uma conferência estilista.

Horário do trabalho no Comércio

Até que enfim o Ateneu Comercial saiu do seu criminoso indiferentismo sobre os interesses da classe, desperdiçando em prol das suas reclamações. Para o despertar dos caixeiros muito tem contribuído *A Batalha* nas vergastadas que por várias vezes tem aplicado aos indiferentes, que finalmente resolveram compreender os seus deveres de explorados, reclamando as reivindicações já conquistadas.

É assim, o Ateneu, por proposta dum camarada, reclamou do governador civil o cumprimento recto do horário de trabalho, e como os trabalhadores do comércio estivessem dispostos a vincar a sua reclamação, os *honrados comerciantes* foram hoje prevenidos pela polícia, que era obrigatório o horário de trabalho.

Estarão esses *beneméritos* detentores dos géneros indispensáveis à vida dispostos a cumprir com o que lhes foi determinado? Veremos.

Aos caixeiros cumpre-lhes o dever de altivamente impôr os seus direitos e de cumprir com os preceitos sindicais.

Centro de Estudos Sociais

Um grupo de dedicadas camaradas estão conjugando os seus esforços para muito em breve ser constituído um grupo de Estudos Sociais, para assim conseguir uma boa sementeira dos nobres ideais de Emancipação Proletária.

Oficiais de Alfaiate

Com larga concorrência efectuou-se uma importante reunião dos oficiais e costureiras de alfaiate, que depois de verificarem as suas miseráveis condições de vida, em face da ganância dos *cartelistas de Batalha*, resolveram reclamar 100 % sobre os seus actuais salários.

Também resolveram aderir ao Congresso Nacional Operário, nomeando seu delegado directo o camarada Mario Campos.

Empregados de Hotéis, Restaurantes e Cafés

Também reuniram os empregados dos Hotéis, Restaurantes e Cafés, que resolveram avisar-se com o governador civil para obrigar o patronato a estabelecer o descanso semanal.

Egualmente resolveram reclamar os seguintes ordenados mensais na Praia e Termas: Chefe de mesa, 100000; criadas de mesa, 70000; copeiros, 100000; chefes de cozinha, 50000; 1.º cozinheiros, 40000; 2.º, 30000; 3.º, 20000; moços, 6000; porteiros, 7000; correios, 10000.

Pessoal Menor dos Correios

O pessoal menor dos correios e telegrafos estabeleceu a nova sede da sua delegação associativa na Praça do Comércio, que brevemente fará a sua inauguração, com uma brilhante sessão solene.

Mobiliários

Ao que parece esta classe, que nesta cidade tem regular número de elementos, está um pouco desorganizada, nada havendo que o justifique.

No actual momento, em que os inimigos da organização pretendem esmagar os proletários organizados, os mobiliários necessitam de agir.

Portanto despertai.

Horário das 8 horas

Na classe gráfica está-se actualmente praticando uma verdadeira traição ao horário das 8 horas, mas tração que é efectuada por camaradas conscientes.

No próximo número nos ocuparemos a valer deste assunto.—C.

Alcácer do Sal

Proesas da «briosa»

Na quinta-feira passada um soldado da guarda mimosou com algumas cuteladas um operário corticeiro de nome Vitorino, deixando-o em tal estado que teve de receber curativo no hospital, continuando ainda em tratamento.

É um núnca acabar de proesas destes mantenedores da ordem, que constantemente provocam os homens que trabalham.

Incêndio

Prejuízos importantes

Pelas 6 horas e meia de ontem, devido a uma fúria de fios na portinhola da electricidade, manifestou-se incêndio no escritório do importante estabelecimento de mercearia da firma Viana Coelho & Almeida, da rua do Loreto, tornando para a praça Luis de Camões.

Arden ainda parte do escritório, sendo os prejuízos superiores a 2.000000. Como a essa hora não havia ali ninguém, os bombeiros tiveram de arrombar a porta ondulada, sendo o fogo chagado a baldes de água.

Alcoolismo ou Revolução?

por Emílio Vandervelde

PREÇO 125

Pedidos a administração de A Batalha

Festa de homenagem

Realiza-se hoje pelas 20 horas no Sindicato Único da Copstrução Civil uma sessão solene para inauguração do retrato do falecido camarada Francisco dos Santos Cruz. A secção profissional dos pintores convida a classe trabalhadora a assistir. Todos os organismos operários que por lapso não foram convidados podem fazer-se representar mediante credencial.

Os naufragos do vapor «Emília»

Os tripulantes do vapor «Emília», que se perdeu no Cabo Bojador, e que foram aprisionados pelos kabilenos e que conseguiram ser libertados por meio de resgate, apresentaram-se ontem no Instituto de Socorros a Náufragos, onde receberam um subsídio pecuniário e passagens para as terras das suas naturalidades.

Compras e Vendas

Libra esterlina 648.00 669000
Páris 1175 1620
Berlim 1075 806
Belgica 1065 1617
Suíça 2460 2636
Estados Unidos 2465 2405
Bélgica 648 8047
Holanda 5616 59170
New-York 1.688 15672

PROGRIAÇÃO CONSCIENTE

(Páginas de práticas não-maliciosas)

- Descrição dos órgãos genitais.
- Valor exacto dos meios e empregar.
- Luções.
- Preservativos.

PEDRAS PARA ISQUEIRO

Das de melhor qualidade e mais baratas, assim como rodas, tubos e moedas.

José Maceneiro

Joaquina Pinheiro, José Maceneiro, António Maceneiro, agradecem a todas as pessoas amigas e companheiros do seu extremo marido e pai que se incorporaram no préstito fúnebre.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Assembleia geral ordinária dos srs. accionistas

Os termos do art. 31.º e 32.º dos estatutos desta Companhia, aprovados por alvará de 30 de Novembro de 1901, e convocada a assembleia geral ordinária dos srs. accionistas possuidores de 100 ou mais acções, segundo os preceitos do art. 28.º dos mesmos estatutos, para se reunir em Lisboa, na sede social, no dia 30 de Junho próximo futuro, pelas 16 horas.

ORDEN DO DIA

1.º - Conhecer as contas respectivas ao exercício de 1921, do relatório do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal e voto sobre essas contas;

2.º - Apreciação e discussão das propostas dos srs. accionistas, apresentadas segundo a parte final do art. 33.º dos estatutos;

3.º - Eleger dois vogais do Conselho de Administração, nos termos do art. 13.º dos mesmos estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido artigo;

4.º - Eleger dois vogais do Conselho Fiscal, nos termos do art. 24.º dos ditos estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido artigo;

Para os srs. accionistas poderem tomar parte nesta assembleia, devem as acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 30 de Maio corrente, inclusive, e as acções ao portador ter sido depositadas no meio do dia 15 de Junho de 1922.

Em Lisboa - Na sede da Companhia; no Banco de Portugal, no Banco Commercial de Lisboa, no Banco Lisboa & Anjos, no Banco Nacional Ultramarino; no Monte-pio Geral, e no Credit Franco-Portuguez.

No Porto - Na sede da Companhia do Porto, no Banco de Portugal, no Banco Commercial de Lisboa, no Banco Lisboa & Anjos, no Banco Nacional Ultramarino; no Monte-pio Geral, e no Credit Franco-Portuguez.

Em Londres - Nas caixas dos Banqueiros Glyn, Mills, Currie & Co.

Em Genebra - Nas caixas da Société de Banque Suisse.

Os documentos legais estarão patentes na Contabilidade Central da Companhia desde 15 de mês de Junho próximo futuro.

Os bilhetes de admisión a assembleia geral serão passados pela comissão executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções.

A assembleia constituir-se-á e poderá validamente deliberar nos termos do art. 32.º, 33.º, 34.º, 37.º e 38.º dos Estatutos.

Em Lisboa, 25 de Maio de 1922.

O presidente da mesa da assembleia geral Francisco José Fernandes Costa

CARTAZ DO DIA

NACIONAL - A's 21 - «O Auto dos Faroleiros» e «Cavalegada nas Nuvens».

S. LUIS - A's 21 - Festa artística e despedida do actor Correia. Último espectáculo da Companhia. 1.º e 3.º acto da opereta «A Leiteira de entre Arrolas», «Acto de variedades» e «Homenagem a Correia».

POLITEAMA - A's 21, 22 - «O Regresso».

EDEN-TEATRO - A's 21 - Companhia Espanhola. 8.º recita de assinatura - 5 actos de «genero chico» El Duo de la Alcañal, El Pobre Valbueno e La Revoltosa.

CHIADO TERRASSE - A's 20, 23 e 24 - «Tiro ao alvo».

APOLLO - A's 21, 22 - Antependium representação da revista «Belo Sexo».

SALAO FOZ - A's 20, 23 e 24 - Danças e sessões com a revista «Piparote».

COLISEU - A's 21 - Domingos, segundas e quintas-feiras a revista «Pim-pam-pum».

OLIMPIA (Rua dos Condes) - Antependium.

CONDES (Avenida) - Antependium.

CENTRAL (Avenida) - Antependium.

CHANTECLER (Avenida) - Antependium.

IDEAL (Loreto) - Antependium.

EXCELSIOR (Teatro dos Anjos) - Espectáculos cinematográficos, às 20, 23, 24 e 26 horas.

PROMOTORA (ao Calvário) - Antependium.

JARDIM ZOOLOGICO - Exposição permanente.

Tabacaria A NACIONAL

DE - MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais ilustrados, livros, artigos de papelaria, selos, papel selado, artigos para fumadores.

LOTERIAS

Aguas, cervejas e refrescos

38, Rua da Mouraria, 38-A LISBOA

Consultório Dentário BERNARDINO NUNES

Rua da Palma, 40-1.

Consultas e extracções grátis todos os dias das 8 às 11, (Gabinete B), mediante a apresentação deste anúncio.

Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção de Livraria de A Batalha, a 2.ª edição desta magnífica obra. Preço 6500. Pelo correio registrada 6500.

Tabela de preços de SABÃO

Em caixas de 30 quilos

Off. 1.ª azul, rosa e Camões 47500

Off. 2.ª azul, rosa e Camões 32500

Off. extra, azul ou rosa 56500

Oleína 50500

Castilla 56500

Amarelo para roupa 21500

Amendoa e alcatrão 17500

Cloreto e potassa, quilo 800

Bonus especiais para revenda e exportação. Execução imediata. Preço garantido. Seriedade em todas as transacções. Pedir condições de venda e amostras à

Saboaria União

112, 1.ª, Rua Arco do Bandeira, 112, 1.ª Lisboa - Telef. C. 593.

PERAL, L. DA

(ex-empregado da CASA PINHEIRO)

Tecidos de lã, seda e algodão

Grande sortido em todas as qualidades e a preços sem competição

Novidades para estação do verão

ENVIAM-SE AMOSTRAS E ENCOMENDAS

PARA TODO O PAÍS

80, 1.ª, R. DA PRATA, 82 a 86

Telefona, 77-0.

POLICLINICA DE ALCANTARA

Rua da Torre da Pólvora, 6

(A esquina da Calçada da Pampulha)

Cirurgia geral - Dr. Sabino Pereira, cirurgião da Misericórdia, interno dos hospitais às 12 horas.

Medicina geral - Dr. Castro Rella Pereira, interno dos hospitais, às 10 horas.

Doenças da boca e dentes - Dr. Julio Gonçalves, chefe de serviço odontológico do Hospital da Marinha, às 15 horas.

Doenças das crianças - Dr. Luis Barata, interno dos hospitais, às 13 horas.

Doenças da garganta, nariz e ouvidos - Dr. Sousa Pereira, às 14 horas.

Doenças das orelhas - Dr. Sertório Sena, especialista em Bordex e Halle (Alcântara), às 10 horas.

